

Dialogando com Marcelo Tingüi: “...o audiovisual é uma ferramenta de resistência e existência ”¹

Marcelo de Campos (IFAL)
Sílvia Aguiar Carneiro Martins (UFAL)

Palavras-chave: Cinema Indígena; Cinema de Guerrilha; Quarto Cinema; Resistência; Índios Tingüi-Botó.

Resumo:

No evento realizado dentro da disciplina Práticas de Extensão em Ciências Sociais (<https://www.youtube.com/watch?v=ElcjN5cEiqI>), Marcelo Tingüi se apresenta como cineasta indígena. O objetivo aqui é dar continuidade à esse diálogo, aprofundando dados da sua experiência de inserção nesse campo de estudo e uso do audiovisual enquanto “ferramenta de luta”, “de produção etnográfica” que dá “visibilidade às práticas tradicionais dos povos.” Assim, é um espaço aberto para conhecermos melhor sua trajetória contada por ele mesmo, destacando suas realizações, como o *Coletivo Tingüi Filmes* (<https://www.youtube.com/channel/UCDAN8VYTX5ry5vqNqDRG94Q>); e também a plataforma *Narrativas Indígenas do Nordeste* (<https://narrativasindigenas.ensp.fiocruz.br/quem-somos/>), que é uma rede audiovisual indígena no Nordeste; entre outros trabalhos, escritos em forma de artigos científicos que abordam a força que o cinema indígena tem sob as lutas sociais no Brasil; sua experiência de expansão de conhecimento do audiovisual através de oficinas (como entre os Mundurucu-AM), realizadas em áreas indígenas; participação no telefilme em andamento *Maninha Xucuru-Kariri*, junto ao cineasta Celso Brandão e historiador-cineasta Aldemir Barros. É, portanto, um artigo escrito em coautoria, mas que o protagonista principal é o próprio Marcelo de Campos que nos apresenta sua trajetória e experiência de vida em que o audiovisual é ferramenta fundamental de articulação e expressão política entre povos indígenas.

Atuação como Cineasta Indígena

Produtor audiovisual há mais de 10 dez anos, procuro mostrar a realidade vindo da ótica de quem está no dia a dia na comunidade indígena; moro na área indígena *Tingüi-Botó*, município de Feira Grande e Campo Grande Alagoas.² Sou filho do líder da comunidade, graduado em Ciências Biológicas no Instituto Federal de Alagoas-IFAL, agricultor e militante das causas indígenas em específica na área da Educação Indígena. Nesse campo, pontuei em artigo intitulado *Educação Escolar Indígena: uma Análise à Luz do Currículo*, que:

A dissonância entre as diretrizes que norteiam a educação escolar indígena em documentos que orientam e organizar as ações da instituição escolar pode acarretar na desvalorização das políticas públicas que norteiam a construção de uma escola diferenciada, cujo currículo deve respeitar a diversidade étnica dos povos indígenas (CAMPOS e CORREIA 2020).

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

² De acordo com dados do *Estudo sobre as Comunidades Indígenas do Estado de Alagoas*, publicado em 2017, os Tingüi-Botó possuem área regularizada de superfície total de 535 há, com população de 334 indígenas.

Publiquei alguns artigos sobre saúde e meio ambiente, como o intitulado “*Rio de Areia:*” *O Boacica e o equilíbrio ambiental em seu entorno* (CAMPOS 2020a) e alguns mais voltados para temáticas de saúde e cura, como *O Novo Coronavírus e as Ações da Comunidade Tingüi-Botó*, publicado no blog Campus Sávio de Almeida e na página do Pressenza International Press Agency, quando afirmo que:

A precaução é uma das maiores armas contra qualquer batalha, e para esta batalha não é diferente. Devemos agir com cautela e consciência, reconhecendo que ao tomar certas medidas estamos cuidando de nós e do outro. Mesmo que, estejamos sentindo falta das reuniões embaixo da árvore principal da aldeia, seguir com fé e confiança é preciso para acreditar que dias melhores virão (CAMPOS 2020b).

Já em *Cura, Cultura e Identidade Étnica: (Re)Leitura das Práticas Curativas dos Indígenas Tingüi-Botó em Alagoas* apresento, junto com o antropólogo Adelson Peixoto, a proposta de:

...fazer uma imersão na vivência cotidiana dos indígenas [Tingüi-Botó], de modo que possibilite a coleta de materiais para realização de uma (re)leitura das suas identidades, através de um mapeamento das práticas de cura realizadas (PEIXOTO e CAMPOS 2019, p.6).

Em alguns textos reflito sobre o audiovisual, como em *Narrativas Audiovisuais e Lutas Indígenas Contemporâneas: Mapeando Experiências no Nordeste*, que juntamente com outros colegas, apontamos que:

Dentre essas narrativas, destacam-se aquelas que buscam o aprofundamento da história dos anciãos e caciques de cada povo, a partir de documentários com relatos dos próprios. Neles, é exposto como eram trabalhadas as lutas indígenas no século passado, período escasso de tecnologias de comunicação, impossibilitando a prática de autoetnografia como elemento benéfico para a vida indígena. "Anciãos", "Mãe Dália" "Dona Joaquina" e "Cacique", de Cinema de Índio em 2019, e "Iconografias dos Tingüi-Botó: Polifonias do Toré." (2019), presente no canal Tingüi Filmes, são destaques nessa abordagem (NUNES et al. 2021, s/p).

Também, destacamos nas conclusões sobre as narrativas audiovisuais o seguinte:

A pesquisa em andamento já catalogou aproximadamente 90 vídeos realizados por indígenas do Nordeste em torno dos mais diversos temas, com destaque para as lutas contra o preconceito e por garantia de direitos, para as histórias dos anciãos e aspectos da cultura cotidiana de cada povo. Esses vídeos são, geralmente, resultado de um trabalho coletivo, que envolve toda a comunidade e busca atender as demandas dos territórios, fortalecendo o diálogo intergeracional, facilitando o diálogo interétnico e abrindo espaços de visibilidade e diálogo com a sociedade não-indígena. Assim, a produção audiovisual indígena promove a interação e a troca de saberes, registra práticas tradicionais, atua como forma de preservação cultural e de

construção memória, colaborando com processos diversos nos campos das culturas, das artes e da educação (NUNES et al. 2021).

Mais recentemente, no texto *Movimento Indígena, Produção Audiovisual e o Fortalecimento das Lutas dos Povos Originário no Brasil: Breve Percurso Histórico*, observamos que:

Com a Constituição de 1988 os indígenas brasileiros foram reconhecidos enquanto sujeitos históricos e agentes políticos, e continuaram a lutar para fazer valer seus direitos à terra. Luta esta que começou há séculos (com a invasão dos portugueses às suas terras) e que continua até os dias atuais, por conta de poderosos interesses divergentes na disputa pelas terras indígenas e suas riquezas, empreendidos sobretudo pelos agentes do agronegócio e dos grandes empreendimentos. (NUNES e CAMPOS 2022, p.: 72)

Diante do descaso com as comunidades indígenas, e do esquecimento da nossa ancestralidade, percebi a necessidade de desenvolver ações que de alguma forma pudesse fortalecer a minha comunidade, de forma a fomentar os jovens da importância em nos manter unidos e fortalecidos em relação a nossa história. Diante disso, comecei a fazer busca na comunidade de registros de imagens, documentos, jornais da região, artesanato, enfim, tudo que de alguma forma poderia nos contar um pouco do nosso povo. A aceitação e participação da comunidade na busca desse material me fez rever o meu papel como indígena, como cidadão, como brasileiro, em resgatar e cultivar através do audiovisual a história do meu povo.

Com o decorrer do tempo, as ações alcançaram dimensões relevantes, principalmente com a aprovação da comunidade, os indígenas da aldeia perceberam que os registros das histórias e manifestos culturais são de fundamental importância para o fortalecimento e existência da cultura do nosso povo. Contudo, procurei aprender a editar vídeos, escrever roteiros e a dirigir documentários. Incentivei os jovens de minha aldeia a participarem da luta junto comigo, com isso surge a ideia em criar o Núcleo de Cinema, onde mais tarde se concretiza como Núcleo de Cinema Tingui Filmes, o qual sou diretor. Este estimado núcleo é um espaço comunitário localizado na aldeia indígena *Tingüi-Botó* município de Feira Grande em Alagoas.

Em 2014, surge o edital do Ministério da Cultura, Ponto ou Pontão de Cultura. Eu tinha produzido o meu primeiro curta metragem através de um celular emprestado por um amigo não índio (e com câmera fotográfica digital de antropóloga, como mais adiante é citado). O nome do curta era “*Guerreiros Tingüi Botó*”.

Através da Associação Comunitária do Povoado Olho D'água do Meio, que é nossa parceira, nós nos inscrevemos; tivemos a surpresa de sermos contemplados por este edital, com isso adquirimos alguns equipamentos e fundamos o núcleo. O Núcleo de Cinema *Tingui Filmes* é um coletivo audiovisual com uma sede física na comunidade. Um espaço artístico cultural didático, lá todos e todas têm a liberdade de participar e aprender junto com os membros da equipe; a *Tingui Filmes* desenvolve documentários sobre as manifestações culturais artísticas do povo *Tingüi-Botó* e de outras comunidades. Temos como ponto principal o “cinema de guerrilha”, onde com poucos equipamentos e condições fazemos coisas grandes que traz repercussão positiva para a causa indígena, uma ferramenta de resistência e existência.

Utilizar o audiovisual como ferramenta de resistência e existência, mostrar a realidade das comunidades indígenas principalmente do nordeste brasileiro através da imagem do pesquisador indígena que vive no território indígena. Assim, mostrando de fato quais as realidades e direitos negados a estes que são os primeiros habitantes dessas terras. Entre tantas ações produzidas, temos o Cinema na Aldeia, uma atividade que sempre estamos desenvolvendo. O Cinema na Aldeia envolve a reunião de toda a comunidade no pátio da aldeia no período da noite, quando é colocado um telão no meio da aldeia e todos assistem as produções locais feitas pela *Tingui Filmes*, onde os protagonistas vão dizer das catadoras de vassouras aos catadores de côco Ouricuri. Com isso temos um fortalecimento étnico e apego ao território: o cinema local é uma das ferramentas que os Tingüi utilizam como forma didática.

Cinema de Guerrilha

A ideia do *encontro* é um fio condutor central em ambas antropologia e arte ³
(Cox; Irving; Wright 2014, p.:04)

Esses trabalhos realizados reúnem dados dentro do próprio protagonismo de Marcelo Tingüi, focalizando sua trajetória enquanto cineasta indígena que surge no cenário dos povos indígenas no nordeste do Brasil com toda a força de realizações voltadas para fortalecimento político étnico dentro do que chama “cinema de guerrilha.” São, portanto, produções que seguindo Leroux (2017, p. 1) se caracterizam como:

... a fabricação de um repertório de táticas capazes de potencializar...[poucos] recursos... que configuram a “guerrilha” imanente ao grupo...

³ The idea of *the encounter* is a central *leitmotif* in both anthropology and art. (Cox; Irving; Wright 2014, p.:04)

A explicação de Glauber Rocha (2003) é citada e traduzida por Leroux (2017, p. 2) em trecho que ele afirma o seguinte:

Eu insisto em um "cinema de guerrilha" como a única forma de combate: o cinema no qual se improvisa fora da produção convencional, contra as convenções formais impostas ao público geral e na elite (ROCHA, 1980, *apud* Leroux 2003, p. 2).

Tecendo pontos que consideramos importantes para compreensão da produção que vem realizada entre os *Tingüi-Botó*, nos chama atenção que o cineasta *Maori Barry Barclay* (2003, p. 1), no seu artigo *Celebrating the Fourth Cinema*, formula a noção do Quarto Cinema, enquanto categoria que significa o Cinema Indígena. Ele explica que o termo “Indígena” é escrito com letra maiúscula por incluir os mais diferentes povos existentes no mundo contemporâneo:

The phrase Fourth Cinema comes as a late addition to the First-Second-Third Cinema framework with which you will be familiar, First Cinema being American cinema; Second Cinema Art House cinema; and Third Cinema the cinema of the so-called Third World.⁴

Mais adiante, Barclay (2003, p. 11) reconhece que:

It seems likely to me that some Indigenous film artists will be interested in shaping films that sit with confidence within the First Second and Third cinema framework. While not closing the door on that option, others may seek to rework the ancient core values to shape a growing Indigenous cinema outside the national orthodoxy. I hope that, in the not too distant future, some practitioner or academic will be able to stand up in a lecture room like this and begin a talk on Fourth Cinema which begins at this very point, rather than ends on it.⁵

Assim, partimos desses pontos sobre produções fílmicas realizadas e disponibilizadas no Canal YouTube **Tingui Filmes** ([\(200\) Tingui Filmes - YouTube](#)), argumentando que se enquadram dentro do Quarto Cinema e podem ser considerados como “cinema de guerrilha”. Aqui enfatizamos o que já foi afirmado que se trata de cinema que dá visibilidade e fortalece práticas tradicionais, consistindo em “ferramenta

⁴ Tradução nossa: “A frase Quarto Cinema vem em adicionar tardiamente à estrutura do Primeiro-Segundo-Terceiro Cinema com o qual você estará familiarizado, primeiro cinema sendo cinema americano; O Segundo Cinema como sendo o Cinema da Casa da Arte; e o Terceiro Cinema aquele chamado o do Terceiro Mundo.”

⁵ Tradução nossa: “Parece-me provável que alguns artistas de cinema indígenas estejam interessados em moldar filmes que se situem com confiança dentro da estrutura do Primeiro, Segundo e Terceiro Cinema. Embora não fechem a porta para essa opção, outros podem tentar retrabalhar os antigos valores centrais para moldar um Cinema Indígena crescente fora da ortodoxia nacional. Espero que, em um futuro não muito distante, algum praticante ou acadêmico seja capaz de se levantar em uma sala de aula como esta e começar uma palestra sobre o Quarto Cinema que começa exatamente neste ponto, e não termina nele.”

de luta.” Nessa plataforma, como já mencionado, estão postados 21 filmes etnográficos, tais como *Povos Indígenas Prevenção contra COVID 19* (https://youtu.be/t_v9oZAQ8dc) de 2020; *Sufrimento, Lutas e Conquistas de um Povo Guerreiro* (<https://youtu.be/yXXx0yZLf6M>) produzido em 2019, e *Os Tingui Botó Resistem* (<https://youtu.be/3fExayxjrBY>), produzido em 2017.

Primeiramente, iremos apresentar dados sobre produções acadêmicas relacionadas às atividades de coordenação e orientação de pesquisas desenvolvidas pela antropóloga Silvia Martins entre os *Tingüi-Botó*. Posteriormente, iremos descrever produções realizadas que inclui uso de plataformas digitais e produções de filmes *Tingüi-Botó*.

Os *Tingüi-Botó* surgem no cenário de povos emergentes (SAMPAIO, 1986) na década de 1980, sendo incluídos em várias pesquisas etnográficas que pontuaremos aqui. Em 1996, dentro do projeto *Índios em Alagoas: Grupos Étnicos em Diferentes Contextos Situacionais*, foram solicitadas duas bolsas dentro do Programa de Bolsas de Iniciação Científica-PIBIC quando o estudante Benildo Gomes de Farias (1997a; 1997b) foi contemplado, desenvolvendo pesquisa etnográfica entre os *Tingüi-Botó* e escrevendo sua monografia, apresentada no II Seminário de Avaliação Interna do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CHLA/UFAL em 1997. Em artigo publicado em coautoria, Farias e Martins (1998) mencionam um mito de origem que relaciona os *Tingüi-Botó* aos *Kariri-Xocó* através de um parentesco ascendente com um indígena deste último povo, José Botó Ferreira, sendo esse um “elemento fundamental em termos de (res)surgimento dessa etnicidade, cuja presença antiga na região do povoado de Olho D’Água do Meio é apontada como indígena” (p.:276).

É importante destacar que a criação, em 2004, do grupo de pesquisa Antropologia Visual em Alagoas-AVAL, na Plataforma Lattes do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, reuniu vários pesquisadores e estudantes nesse campo, como o antropólogo Siloé Soares de Amorim/UFAL, sendo criada uma rede de especialistas, dentre os quais a antropóloga Cornelia Eckert/UFRGS, Fernanda Rechenberg/UFRGS, Glauco Machado/UFPB, e inúmeros estudantes que, mesmo seguindo trajetórias posteriores dentro de suas formações acadêmicas, continuaram fazendo parte do AVAL, como é o exemplo das antropólogas Ana Laura Loureiro Ferreira e Juliana Barretto, dentre outros.⁶

⁶ Atualmente o AVAL conta com 13 pesquisadores e 11 estudantes, que participam em linhas de pesquisa Antropologia Visual e Sonora ou Imagem e Memória Coletiva. Foram realizados três encontros: I AVAL aconteceu em 2005, o segundo, em 2007 e o terceiro, foi realizado em 2018. Sendo uma versão

Dois projetos de pesquisas financiadas e desenvolvidas no âmbito do AVAL tiveram a proposta do uso do registro fotográfico e fílmico em áreas indígenas. Em *Especialistas Xamânicos Indígenas em Alagoas: Registros Fílmicos* (Processo n. 10040529915-8, Edital Modalidade Auxílio à Recém-Doutor/FAPEAL, 2004-2005), participaram bolsistas PIBIC que elaboraram seus TCCs intitulados respectivamente: *Índios tem que ter Ciência: Imagens e Xamanismos* (FERREIRA, 2007) e *Também sou Ponta-de-Rama* (BARRETTO, 2007)⁷.

Martins, Ferreira e Barretto (2007) num texto intitulado *Xamanismos Indígenas em Alagoas: Observações Etnográficas*, com apresentação de dados reunidos da pesquisa *Especialistas Xamânicos Indígenas em Alagoas*, apontam que:

Há intenso relacionamento interétnico entre os grupos étnicos indígenas em Alagoas. Os Tingüi-Botó e Kariri-Xocó estabeleceram uma inter-relação entre práticas voltadas para o ritual do Ouricuri desde a década de 50, como foi registrado por Hohenthal (1960). Quando perguntamos a um índio Fulni-ô (Águas Belas, PE) por que apenas os Kariri-Xocó podem participar do seu Ouricuri, ele nos respondeu: “Por que os Kariri-Xocó tem força”. A “força” é um termo sempre utilizado pelos índios que remete a uma força espiritual legitimando as relações que se estabelecem a partir desse compartilhamento. Martins (2003) observou que esse termo é utilizado tanto no campo do domínio cultural xamanístico (do conhecimento religioso e médico), quanto no campo da sexualidade (em termos de capacidade de reprodução fisiológica, performance e obtenção de prazer sexual).

Há menção de realização de documentário, a partir de diálogos estabelecidos com indígenas *Tingüi*, no artigo intitulado *Realizando etnografia visual entre grupos indígenas em Alagoas*, quando Ferreira, Barretto e Martins (2009) registram reunião realizada na aldeia com pesquisadores, estudantes e cineasta:

Ficou decidido que, caso o projeto fosse aprovado, os Tingüi-Botó guiariam as filmagens indicando os lugares relevantes, os pontos que deveriam ser discutidos e a forma como se apresentariam. “Terra”, “produção econômica” e “ecologia” foram temas propostos. A utilização da terra para plantação, especialmente de batata, o reflorestamento da mata, viveiros, bem como a utilização de plantas de efeito mágico-curativo deveriam ser abordados (FERREIRA, BARRETO, MARTINS 2009, p.: 304)

Ainda sobre essa proposta, registrou-se que:

O projeto proposto nesta última ida aos Tingüi-Botó não foi efetivado por não ter sido financiado. Mas, o que deve ser destacado é como foi transformada a postura dos indígenas sobre a relação com o registro imagético, que pode ser um

internacional, o III AVAL contou com a participação da antropóloga Angela Torresan, dentro de articulação interinstitucional do AVAL com o Granada Centre for Visual Anthropology da Universidade de Manchester/Inglaterra, com financiamento dentro do Edital CCONFAP/UK Academies/FAPEAL.

⁷ No blog do I Mostra LEME de Fotografia e Filme Etnográficos (<https://leme.blogspot.com/>) está postado o filme *Também sou Ponta de Rama* que foi produzido e está inserido nesse TCC de Barretto (2007)

instrumento para elucidar a história do grupo, não só como um recurso de registro e análise de dados históricos que possam remontar uma linearidade. O registro imagético pode mesmo comunicar sobre o momento que o grupo está vivenciando e quais as suas atuais necessidades de visibilidade (FERREIRA, BARRETTO, MARTINS 2009, p.305)

Já na pesquisa *Atlas das Terras Indígenas em Alagoas* (Processo n. 402697/2004-9/CNPq), havia uma proposta de monitorar a situação territorial dos grupos indígenas em Alagoas, organizando banco de dados diversificados (documentais, bibliográfico, etnográfico, arqueológico e visual) sobre terras indígenas, população, conflitos e contexto histórico desses grupos. Através dessa pesquisa foi organizado um acervo de imagens fotográficas, totalizando 2.265 imagens e 42 horas de gravações em fitas mini-DV e 3 horas em fitas VHS, dados visuais em todas as áreas indígenas, tendo relatório aprovado (MARTINS et. al. 2007).⁸

Apesar dessas pesquisas mencionadas reunirem registros fílmicos e fotográficos, que inclui hoje um acervo significativo em arquivos digitais, é a partir de pesquisa realizada pela antropóloga Ana Laura Loureiro Ferreira (2010), voltada para dissertação de mestrado em Antropologia e desenvolvida no campo da antropologia visual que o primeiro filme indígena *Os Guerreiros Tingüi* (2016), foi concebido e realizado,⁹ como mencionado anteriormente, com a câmera digital fotográfica disponibilizada pela então mestranda, quando requisitada pelos próprios índios. Em seu trabalho acadêmico voltado para dissertação de mestrado em Antropologia, Ferreira (2010, p. 57) explica que o filme etnográfico produzido dentro da dissertação *Para Outra Geração* (2010):

...foi montado a partir das filmagens propostas por mulheres e crianças com a utilização da filmadora. Apesar de se relacionar diretamente com a própria concepção sobre os *Tingüi-Botó* destes dois grupos, por partir das referências destes sobre o que deveria ser registrado, a autoria não é compartilhada, pois é assumida pela pesquisadora.

Sobre os *Gerreiros Tingui Botó*, Ferreira (2010, p.:55) explica: “As imagens foram feitas [por um grupo de rapazes] sem considerar um processo de edição posterior. Assim, o produto das gravações consistiu no filme”. É através dos *Os Guerreiros Tingui Botó* (<https://youtu.be/Ent58gEe-2U>) que se inicia toda uma trajetória de articulação de ações em que Marcelo Tingui atua como cineasta. Esse filme, de duração de 16’14”, já é um

⁸ Esse projeto aprovado pelo CNPq contou com um total de sete estudantes de graduação, que na sua maioria eram bolsistas PIBIC (CNPq e FAPEAL), além do historiador, arqueólogo, antropólogo e o cineasta Celso Brandão.

⁹ Dando continuidade à iniciação científica em Ciências Sociais, com citado anteriormente, Ferreira (2007) já havia participado de pesquisa etnográfica nessa área indígena.

exemplo do que vem sendo apontado como “cinema de guerrilha”, pois foi realizado com escassos recursos e voltado para fortalecimento político étnico quando adolescentes realizam performance dentro de roteiro idealizado por Marcelo Tingüi. No caso dos *Tingüi-Botó*, como já citado, ressurgem na década de 1980 através da força de vínculos históricos com grupos tradicionalmente reconhecidos, com os *Kariri-Xocó* em Alagoas e *Fulni-ô* em Pernambuco. Ferreira (2010) realiza o filme *Para Outra Geração* (2010), incluído, juntamente com *Os Guerreiros Tingüi*, na sua dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE, sob orientação de Renato Athias/UFPE e coorientação de Silvia Martins/UFAL. São filmes que registram dados que os próprios índios solicitaram, sendo, portanto, um trabalho fruto da colaboração dos próprios representantes *Tingüi-Botó*. Ferreira continua sua formação acadêmica no doutorado em Antropologia na UFPE e passa a abordar campesinato, desenvolvendo pesquisa também em área quilombola.

Na sua tese, Ferreira (2016) aponta que :

... entre os Tingüi-Botó, o “projeto camponês” foi englobado pelo “projeto étnico”...a virada étnica elevou a questão proposta por esses grupos indígenas que, como os Tingüi, estão incluídos no conjunto que vêm sendo designados pelos autores como “índios do Nordeste” (OLIVEIRA, 2004).

Etnicizando os conflitos que se apresentavam pulverizados, esses índios conseguiram cruzar a barreira do latifúndio e vem obtendo conquistas, mesmo que, somadas, ainda se apresentem muito modestas em relação à concentração de terras. O aparecimento das diversas etnias indígenas na região Nordeste do país e o teor cultural articulado em que elas expressam suas demandas têm gerado avanços consideráveis em relação a sua qualidade de vida (FERREIRA 2016, p.: 139)

Posteriormente, junto com o estudante de Ciências Sociais Adriano Cabral da Silva se dá a consolidação na área indígena *Tingui Botó* do Ponto de Cultura e a possibilidade de mais realizações através do Coletivo Tingui Filmes (<https://www.youtube.com/channel/UCDAN8VYTX5ry5vqNqDRG94Q>), quando o Núcleo Cinema Tingui é organizado. Silva (2018), escreveu seu TCC intitulado *Fazendo Etnografia Visual entre os Tingüi-Botó*, produzindo o filme que é citado na página do Festival Alagoanes, onde consta esse filme dentro da relação de 91 filmes na celebração dos 100 anos do audiovisual em Alagoas (<https://www.festivalalagoanes.com.br/filmes/>), sendo *Os Tingüi-Botó Resistem* (<https://youtu.be/3fExayxjrBY>) dirigido por de Marcelo Tingüi e Adriano Cabral.

Dentre a produção fílmica, que se encontra elencada no Coletivo Tingui Filmes, é importante destacar que 21 filmes estão postados nessa plataforma no Canal YouTube, sendo que o mais antigo, como já citado, é *Os Guerreiros Tingui*

(<https://youtu.be/Ent58gEe-2U>). São filmes que estão também postados em redes sociais, tais como no Instagram ([@tingui.filmes](https://www.instagram.com/tingui.filmes)), onde há no momento deste artigo, 780 publicações e 1.128 seguidores.

Na Plataforma Narrativas Indígenas do Nordeste ([Filmes - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\)](http://Filmes - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br))), nove filmes do Núcleo Cinematográfico Tingui Filmes ([Filmes – Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\)](http://Filmes – Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br))) estão disponibilizados através de links do Canal YouTube Filmes Tingui, são os seguintes:

[Plantando e Respeitando; Guardiões dos Saberes Alimentares - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/4-Dns08XKuQ](http://Plantando e Respeitando; Guardiões dos Saberes Alimentares - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/4-Dns08XKuQ)

[Povos indígenas - prevenção contra a Covid-19 - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/t_v9oZAQ8dc\)](http://Povos indígenas - prevenção contra a Covid-19 - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/t_v9oZAQ8dc))

[Estamos na Luta - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/fmO9Iwtmkj0\)](http://Estamos na Luta - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/fmO9Iwtmkj0))

[Cabeça Seca - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/RayKSWOo1TM\)](http://Cabeça Seca - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/RayKSWOo1TM))

[Iconografias dos Tinguí-Botó: Polifonias do toré - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/63LuWgxVx-s\)](http://Iconografias dos Tinguí-Botó: Polifonias do toré - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/63LuWgxVx-s))

[Guerreros Tinguí Botó - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/Ent58gEe-2U\)](http://Guerreros Tinguí Botó - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/Ent58gEe-2U))

[Sofrimento, lutas e conquistas de um povo guerreiro - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/yXXx0yZLf6M\)](http://Sofrimento, lutas e conquistas de um povo guerreiro - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/yXXx0yZLf6M))

[Tingui Botó: Batalha, Resistência - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/RHIjQYuFCFM\)](http://Tingui Botó: Batalha, Resistência - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/RHIjQYuFCFM))

[Casa de farinha Tingui-Botó - Narrativas Indígenas do Nordeste \(fiocruz.br\) \(https://youtu.be/30rlgpDo0uk\)](http://Casa de farinha Tingui-Botó - Narrativas Indígenas do Nordeste (fiocruz.br) (https://youtu.be/30rlgpDo0uk))

Todos esses filmes são curtas-metragens e se caracterizam em temáticas predominantes sobre práticas culturais, confirmando o que Barclay (2003) chama atenção sobre o Quarto Cinema, quando os artistas tentam trabalhar com “os antigos valores centrais para moldar um Cinema Indígena crescente fora da ortodoxia nacional” (p.11).

A experiência no filme *Maninha Xurucu-Kariri* (<https://vimeo.com/727181590>, privado), Marcelo Tingüi participa como um dos responsáveis pela fotografia e som, sob a direção do cineasta Celso Brandão e historiador-cineasta Aldemir Barros Jr. Trata-se de filme que aborda a trajetória dessa já falecida líder indígena, que teve atuação

fundamental em áreas indígenas dentro do fortalecimento do movimento indígena através da Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo-APOINME. Como já citado, o telefilme *Maninha Xucuru-Kariri* ganhou edital da SECULT-AL e será realizado com esses mesmos cineastas que convidaram Marcelo Tingüi para o papel de diretor.

É nesse diálogo, utilizando entendimento dentro amizade já bastante antiga de convivência através de pesquisas realizadas e orientandos presentes entre os *Tingui Botó* que estabelecemos essa parceria na escrita aqui. Destacamos também que incluímos novas possibilidades de produções fílmicas quando convidamos a cineasta Stella Carneiro para realizar um documentário centralizado nessa história e produção do cinema *Tingüi*.

Finalizamos, assim, esse texto apontando perspectivas futuras, utilizando materiais de acervos reunidos em pesquisas realizadas e produzindo já materiais recentes, juntos com Stella Carneiro, através de registros fílmicos gravados nesse encontro na aldeia *Tingüi-Botó* neste mês de agosto de 2022. *Retrato de Marcelo Tingüi* é uma materialização desse nosso encontro (<https://vimeo.com/743228721/c6f010d9d5>), seguindo sugestão do antropólogo George Marcus (2004, p.:136), quando observa essa articulação da Antropologia com a Arte:

Na produção de obras de arte e de *performances*, ela tem sido um meio poderoso e aberto de introduzir o propósito de crítica social e cultural em diversas manifestações. Em nome da quebra de todas as formas de representação e atuação naturalista..., ela tem rompido limites, questionado efeitos e levado a arte para domínios onde nunca esteve.

É assim que entendemos essa nossa parceria, contando com novos desdobramentos e produções com intenção de experimentar novas formas de representação e atuação.

Referências:

- BARCLAY, Barry Celebrating the Fourth Cinema. **Illusions Magazine**, NZ: July 2003
- BARRETTO, Juliana N. Rebello. 2007a. Também sou ponta-de-rama (uma abordagem identitária dos índios no sertão alagoano). **Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas.
- CAMPOS, Marcelo de . “Rio de Areira”:O Boacica e o equilíbrio ambiental em seu entorno. **Memória e identidade indígena em Alagoas**. [recurso digital] / Deisiane da Silva Bezerra, José Adelson Lopes Peixoto, Adauto Santos da Rocha. (Orgs). – Maceió, AL: Editora Olyver, p.: 135-148. 2020a. Disponível em: https://www.gphial-uneal.com.br/files/ugd/240cb7_9a43a9dd2edf4f22ba4d1b7a955c003b.pdf?index=true
- _____, O Novo Coronavírus e as Ações da Comunidade Tingui-Botó, 2020b. Disponível em: [O novo coronavírus e as ações da comunidade Tingui-Botó](#)

[\(pressenza.com\); Campus do Sávio Almeida: Marcelo de Campo. O NOVO CORONAVÍRUS E AS AÇÕES DA COMUNIDADE TINGUI-BOTÓ \(campusdosavio.blogspot.com\)](#)

CAMPOS, Marcelo de; CORREIA, A. P. B. **Anais**. VII Congresso Nacional de Educação-CONEDU. Maceió. 2020. Disponível em: [TRABALHO_EV140_MD1_SA_ID7762_02102020165714.pdf \(editorarealize.com.br\)](#)

COX, R; IRVING, A.; WRIGHT, C. Introduction. In Cox, R. Irving, A. e Wright, C. (orgs.). **Beyond text?: critical practices and sensory anthropology**. Manchester University Press. 2014.

ESTUDO sobre as Comunidades Indígenas em Alagoas. Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. – Maceió: SEPLAG, 2017. 27p Disponível em: [estudo sobre as comunidades indígenas de alagoas - versao para internet \(iteral.al.gov.br\)](#)

FARIAS, Benildo Gomes de. Alguns Aspectos acerca do Grupo *Tingüi-Boto*. **Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. 1997a.

_____, Alguns Aspectos acerca do Grupo *Tingüi-Boto*. **Resumos**. II Seminário de Avaliação Interna do Programa de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do CHLA/UFAL (mimeo). Realizado nos dias 9 e 10/07/97.1997b.

FARIAS, Benildo Gomes de.; MARTINS, Sílvia A. C. *Tingüi-Botó*: contextos Situacionais e a Identidade. **Revista Antropológicas**, v. 3 n. 7; p.:274-285. 1998.

FERREIRA, Ana Laura Loureiro. Luta, Suor e Terra: Campesinato e etnicidade nas trajetórias do povo indígena Tingüi-Botó e comunidade quilombola Guaxinim (AL). **Tese de Doutorado em Antropologia**. Recife: Universidade Federal de Alagoas.2016. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/27104>

_____, “Para outra Geração” um Estudo de Antropologia Visual sobre Crianças entre os Tingüi-Botó (AL). **Dissertação em Antropologia**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.2010. Disponível em : <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/979>

_____, Índio tem que ter ciência: imagens, xamanismos e identidades indígenas. **Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. 2007.

FERREIRA, A. L. L.; BARRETTO, J. N. R.; MARTINS, S. A. .C Realizando etnografia visual entre grupos indígenas em Alagoas **Revista ANTHROPOLÓGICAS**, ano 13, v. 20 n.1,2. 2009

HOHENTHAL Jr., W. D. As Tribos do Médio e Baixo São Francisco. **Revista do Museu Paulista** v. 12; p.: 37-71. São Paulo. 1960

LEROUX, Liliane. Táticas do Cinema de Guerrilha da Baixada para Transitar entre o Popular e o Artístico. **Polêm!ca**, v. 17, n.1, p. 01-23, janeiro, fevereiro e março 2017

MARTINS, S. A. C. Gender and Reproduction: Embodiment among the Kariri-Shocó of Northeast Brazil. **Ph.D. thesis**. Department of Anthropology, University of Manitoba, Canadá. 2003. Disponível em: <https://mspace.lib.umanitoba.ca/xmlui/handle/1993/19997?show=full>

MARTINS et al. **Relatório técnico**: Atlas das Terras Indígenas em Alagoas. Maceió: CNPq. 2007. Disponível em: https://issuu.com/silviaaguilar/docs/atlas_relatorio_tecnico_cnpq_versao_final

MARTINS, S. A. C.; FERREIRA, A. L. L.; BARRETTO, J. N. R.. Xamanismos Indígenas em Alagoas: Observações Etnográficas. In: **Relatório técnico**: Atlas das Terras Indígenas em Alagoas, Martins et al. p 73-180. Maceió: CNPq. 2007. Disponível em: https://issuu.com/silviaaguilar/docs/atlas_relatorio_tecnico_cnpq_versao_final

MARCUS, George. O Intercâmbio entre Arte e Antropologia. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 47, n.1, 2004.

NUNES, Karliane Macedo et al.. Narrativas Audiovisuais e Lutas Indígenas Contemporâneas: Mapeando Experiências no Nordeste. **Anais do 10º CONINTER – Congresso Interdisciplinar em Sociais e Humanidades Anais...Niterói(RJ) Programa de Pós-Graduação** em, 2021. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xc22021/437387-NARRATIVAS-AUDIOVISUAIS-E-LUTAS-INDIGENAS-CONTEMPORANEAS--MAPEANDO-EXPERIENCIAS-NO-NORDESTE>>.

OLIVIERA, J. P. de Apresentação à segunda edição. In OLIVEIRA, João P. de (Org.). **A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

PEIXOTO, José Adelson Lopes; CAMPOS, Marcelo de. Cura, Cultura e Identidade Étnica: (Re)leitura das Práticas Curativas dos Indígenas Tingui-Botó em Alagoas. **Anais. I Encontro Internacional de História do Sertão: A educação e os desafios contemporâneos - Delmiro Gouveia, AL, 2019.** Disponível em: <<https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-cdfed563f3c61332e707ce83f98aa8210e12e489-arquivo.pdf>>

ROCHA, Glauber. An Aesthetic of Hunger. In: JOHNSON, Randall; STAM, Robert (eds). **Brazilian Cinema**. Rutherford/Madison/Teaneck/London/Toronto: Fairleigh Dickinson University Press/Associated University Presses, 1980.

SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. De Caboclo a Índio: etnicidade e organização social e política entre povos indígenas contemporâneos no Nordeste do Brasil, o caso Kapinawá. **Projeto de Pesquisa** para Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. IFCH-UNICAMP, Campinas, 1986.

SILVA, Adriano Cabral da. Fazendo Etnografia Visual entre os Tingui-Botó **Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Ciências Sociais**. Maceió: Universidade Federal de Alagoas. 2018.